**INTERCULTURALIDADE NAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO: impactos no componente curricular Ensino Religioso**

***Paulo Agostinho N. Baptista[[1]](#footnote-1)\****

**Grupo de Trabalho (GT) : GT 1 - Ciências da Religião e Ensino Religioso: interfaces epistemológicas**

**Resumo**

As Ciências da Religião no Brasil, nascidas em 1969 com a criação do seu departamento na UFJF, como todas as ciências, precisa avançar e responder aos novos desafios. Uma categoria fundamental que provoca essa área multidisciplinar é a interculturalidade, cujo princípio básico é suspeitar das concepções monoculturais, supraculturais que pretendem ser universais. Propõe relações simétricas e horizontais entre todas as culturas, um diálogo que produz mútuo enriquecimento. Enquanto área inter, multi e desafiada a ser transdisciplinar, precisa refletir criticamente sobre essa categoria, especialmente, como curso de formação para docentes de Ensino Religioso, num país tão diverso e complexo. Tratar da interculturalidade traz grandes impactos para esse componente curricular na formação docente e para a educação. A partir de pesquisa bibliográfica, esta Comunicação pretende discutir a temática e mostrar que não é possível educar a dimensão antropológica da religiosidade sem que seja de forma dialogal entre os sujeitos e as culturas.

**Palavras-chave:** Interculturalidade;EnsinoReligioso**;** Ciênciasda Religião; Epistemologia.

**Introdução**

As Ciências da Religião no Brasil tiveram início em 1969 com a criação do departamento de Ciências das Religiões na UFJF, passando a ser chamada, posteriormente, Ciência da Religião sob a liderança de Jaime Snoek. Conforme nos mostra Frederico Pieper (2018, p. 235), os seus objetivos eram: “o estudo sistemático e aconfessional do fenômeno da religiosidade [...]” para formar o egresso em condições de exercer “as funções de professor de religião em estabelecimentos de ensino, orientador religioso-moral e técnico em assuntos religiosos para assessorar os poderes públicos e as organizações socioeconômicas (Ata do núcleo de Ciências das Religiões, 10/07/1969)”.

Embora nascida num contexto marcadamente cristão, oferece uma proposta inovadora, ao trazer disciplinas como Filosofia da Religião, Sociologia da Religião, Psicologia da Religião, Hermenêutica de livros sagrados, além de Antropologia Cultural, Antropologia Filosófica, Ética e, especialmente, Estudo Comparado das Religiões, contando ainda com Fundamentos da Civilização Ocidental, História das Ideias Políticas, Economia Política, dentre outras (Pieper, 2018, p. 238). Demorou, consideravelmente, em avançar mais, por causa do próprio desenvolvimento do conhecimento, incluindo tradições religiosas de diversas matrizes e outras questões, como por exemplo a interculturalidade.

Nesse sentido, o objetivo desta Comunicação, produzida a partir de pesquisa qualitativa de base bibliográfica, é discutir como a inclusão da interculturalidade, como categoria significativa para a compreensão dos fenômenos contemporâneos nos cursos de Ciências da Religião, além de oferecer novo horizonte epistemológico, traz impactos importantes para o componente curricular Ensino Religioso e a formação do seu docente.

1. **Aspectos históricos**

A história da graduação para formar o docente de Ensino Religioso teve seu início com a criação do departamento de Ciências das Religiões na UFJF, em 1969 e o seu nome mudaria em 1974 e 1989, ficando no singular “Ciência da Religião” (Teixeira, 2012, p. 542). Entretanto, após o primeiro e único vestibular em 1976, razões político-religiosas fizeram com que o curso fosse extinto em 1977 (Teixeira, 2012, p. 543). Seu objetivo era “o estudo sistemático e aconfessional do fenômeno da religiosidade [...]” para formar o egresso em condições de exercer “as funções de professor de religião em estabelecimentos de ensino, orientador religioso-moral e técnico em assuntos religiosos para assessorar os poderes públicos e as organizações socioeconômicas (Ata do núcleo de Ciências das Religiões, 10/07/1969)”, conforme nos mostra Frederico Pieper (2018, p. 235).

Após esta primeira tentativa de criar um curso para pesquisar o fenômeno religioso e formar o docente do componente curricular Ensino Religioso, a PUC Minas foi pioneira em ter um curso, com reconhecimento nacional, em oferecer “Pedagogia com ênfase em Ensino Religioso”, em 1996. O curso formou 1.039 docentes de Ensino Religioso até 2010, quando as Diretrizes Curriculares da Pedagogia não permitiram mais a oferta de “ênfases” (Baptista; Siqueira, 2023). Ainda em Minas Gerais, com reconhecimento pelo Conselho Estadual de Educação, começa em 2006 a funcionar em Montes Claros o curso de Ciências da Religião, na universidade estadual UNIMONTES. Em setembro de 2011 houve a autorização para que a UFJF ofertasse a Graduação – licenciatura em Ciência da Religião, curso que começou a funcionar em 2012, com autorização em 2011, e foi reconhecido pelo MEC em 2014. Por outro lado, a UFPB foi outra pioneira em ter o primeiro curso numa universidade federal reconhecido: Ciências das Religiões, todo o nome no plural. O curso foi autorizado em 2008, começou a funcionar em 2009 e foi reconhecimento em 2013.

Ainda nessa breve retrospectiva vale salientar que, a partir de 1997 o Estado de Santa Catarina começa a oferecer em diversas cidades (Blumenau, Joinville, Tubarão, Florianópolis, Palhoça, Xanxerê e outras), pelo Programa Magister, “Cursos de Ciências da Religião – Licenciatura Plena em Ensino Religioso (CCR/LP/ER), que busca formar um profissional na perspectiva da leitura do fenômeno religioso no contexto escolar e social.” (Caron, 2010, p. 279) – a aula inaugural foi em dezembro de 1996. Paralelamente, apesar de o Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso – FONAPER, entidade civil criada em 1995, ter produzido em 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso – PCNER, protocolados no MEC, nunca foram reconhecidos, porém esse material foi muito utilizado pelo Brasil a fora (Fonaper, 1997). Embora com toda essa luta na criação de diretrizes para os cursos de Ciências da Religião no país, apenas em 2018 houve a homologação das Diretrizes Curriculares Nacionais da graduação-licenciatura em Ciências da Religião – DCN (Brasil, 2018), um ano após o primeiro currículo nacional de ER (Brasil, 2017), ter sido integrado à Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017). Com seus cinco eixos - Culturas e Tradições Religiosas, Textos Sagrados, Teologias, Ritos e Ethos, os PCNER começam a oferecer um primeiro horizonte epistemológico, sob o objeto “transcendência”, que depois se tornaria em “fenômeno religioso”, e para outros em “sagrado”, e, finalmente, em “Conhecimento religioso” na BNCC (2017), objeto já presente nas discussões do FONAPER desde 1997 (Brandenburg, 2014, p. 542).

Entretanto, a primeira proposta de objeto surgiu em Minas Gerais, em 1974, com Wolfgang Gruen. que propôs o objeto “religiosidade”, compreendida como categoria antropológica, baseada em Paul Tillich (1970), que significa a dimensão de sentido da vida (Gruen, 1974), busca fundamental de todo ser humano, objeto bem mais amplo e inclusivo que fenômeno religioso (objeto das ciências da religião), sagrado ou transcendência, e que não deixa de agregá-los.

Enquanto área multi, inter e desafiada a ser transdisciplinar, como campo disciplinar (Filoramo; Prandi, 1999), as Ciências da Religião trabalham não só com as diversas ciências que observam e analisam o fenômeno religioso, os fenômenos de crenças e de não crenças, as sabedorias e espiritualidades, mas também as filosofias e sentidos de vida. Esses fenômenos são muito mais amplos que os movimentos e as tradições religiosas, apesar de incluí-los. Nesse sentido, a epistemologia das Ciências da Religião envolve a atitude dialogal de um universo cultural. E não pode haver esse diálogo sem que haja a compreensão intercultural.

1. **A interculturalidade e a epistemologia das Ciências da Religião.**

No breve espaço desta Comunicação é impossível trazer a ampla discussão sobre a categoria interculturalidade, mas apenas mostrar seus princípios básicos com o fim de analisar como ela é elemento fundamental para a epistemologia das Ciências da Religião e, consequentemente, para a formação do docente de Ensino Religioso.

 Em pesquisa realizada para o CONERE 2022, Giseli do Prado Siqueira e Cristina Borges mapearam as produções da área de Ciências da Religião sobre os seus fundamentos teóricos, que podemos chamar fundamentos epistemológicos e pedagógicos. A conclusão da investigação é que “pouco se tem produzido sobre os fundamentos teóricos, em especial sobre interculturalidade e ética da alteridade”. A maior produção foi sobre fundamentos pedagógicos. (Siqueira; Borges, 2022, p. 128). Por isso, discutir sobre a interculturalidade é muito importante, pois a BNCC afirma que a “interculturalidade e a ética da alteridade constituem fundamentos teóricos e pedagógicos do Ensino Religioso [...]” (Brasil, 2017, p. 435). Essa perspectiva está presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais da licenciatura de Ciências da Religião, que formam o docente de ER, “fundamentadas na interculturalidade e na ética da alteridade, com vistas a promover o respeito ao outro e aos direitos humanos.” (Brasil, 2018).

 Mas o se entende por interculturalidade? E por que a interculturalidade é importante?

 Podemos dizer que a interculturalidade significa relações simétricas e horizontais entre todas as culturas, diálogo que produz mútuo enriquecimento, conforme Estermann (2010, p. 33): “relaciones simétricas y horizontales entre dos ou más culturas, a fin de enriquecerse mutuamente e contribuir a maior plenitude humana”. Haveria uma “culturalidad de ideas, teorias, actitudes, valores y formas de vida” (Estermann, 2010, p. 35). O objetivo fundamental da interculturalidade é “’humanización’ del mundo (no en el sentido del antropocentrismo) y la vida plena para todos y todas, incluindo a la Naturaleza, es decir: recuperar al ser humano en su lugar y dignidad que le correponde” (Estermann, 2010, p. 45).

 Há cinco princípios básicos da interculturalidade que se autoexplicam: 1) Hermenêutica da suspeita; 2) Consciência da própria culturalidade; 3) Sensibilidade por assimetrias entre culturas; 4) O desejo de interpelar; 5) Consciência que nenhuma cultura é perfeita (Estermann, 2010, p. 35-46). Nesse sentido, a interculturalidade parte da visão crítica que busca questionar o “paradigma eurocêntrico” (Fornet-Betancourt, 2007, p. 49) e a arrogância monocultural ocidental de se considerar “a tradição humana” (Ibid. p. 13). Por isso, é um processo “contextual-universal de capacitação para uma cultura de culturas (e religiões) em relação e transformações abertas [...]” (Ibid. p. 50).

 Segundo Fornet-Betancourt (2007, P. 50-51), há sete renuncias fundamentais:1) sacralizar as origens das tradições culturais e religiosas; 2) converter as tradições, que são próprias, num itinerário estabelecido; 3) dilatar as “zonas de influência” das culturas; 4) decantar identidades delimitadas entre o próprio e o alheio; 5) centrar como próprio o que cada cultura produz como centro estático; 6) sincretizar as diferenças, em fundo estático comum; 7) visar uma teleologia. .

 É preciso distinguir interculturalidade de multiculturalismo ou pluriculturalismo, como postula a modernidade ou a pós-modernidade. Não basta afirmar a diversidade e a pluralidade para se garantir a interculturalidade. É preciso refletir sobre as múltiplas relações, encontros e conflitos culturais. Também não se trata de compreender que a interculturalidade seria uma perspectiva estética, culturalista, essencialista, tomando as culturas como “puras”, fechadas, autônomas, simétricas, neutras e folclóricas, se esquecendo das relações de poder, de opressão, de exclusão (Estermann, 2010, p. 47-50).

 Neste estudo, parte-se de uma concepção crítica de interculturalidade, a partir da América Latina, como Sul Global, como expressão de descolonização e de processo libertador, que incluem todos os campos de conhecimento, sejam científicos, filosóficos ou das sabedorias e espiritualidades, religiosas ou não. Envolve a sociedade, a economia, a política, a educação, bem como as assimétricas e interseccionalidades culturais geracionais, de étnico-raciais e de cor da pele, gênero, sexualidade etc. Desta forma, é crítica de “políticas de ‘inculturação’, ‘integración’ e ‘inclusión’.” (Estermann, 2010, p. 51-52).

 Essa categoria, portanto, é fundamental para o campo da educação, de modo especial para uma área que é um campo disciplinar, como as Ciências da Religião, visto que, no Brasil, mesmo em cada estado da federação, apresenta-se grande diversidade, especialmente devido à construção cultural brasileira, envolvendo os diversos e diferentes povos originários; os africanos escravizados, oriundos de diversas tribos de África; os migrantes de diversos países da Europa, como Portugal, Itália, Espanha e Alemanha; dos Estados Unidos da América e sua migração protestante; os povos latino-americanos de diversos países; japoneses e chineses; povos do Oriente Médio como Líbano, Síria, Israel; entre outros.

1. **Impacto da interculturalidade para o Ensino Religioso: resultados e discussão**

Como foi possível observar, na visão apresentada, o ER não se reduz a refletir sobre o “conhecimento religioso”, embora seja o objeto definido pela BNCC e seja importante fazê-lo. Como componente significativo do processo formativo e educativo, como “parte integrante da formação básica do cidadão” (Brasil, 1997, art. 33), preconiza refletir também sobre os diversos sentidos da vida em vista de contribuir para que o educando construa com qualidade seu projeto de vida. Parte do princípio de uma escola laica, plural, que acolhe a diversidade religiosa e não religiosa da sociedade brasileira. Por isso, a atitude dialogal é fundamental e esperada da formação do seu egresso.

Nesse sentido, a interculturalidade é categoria básica para a formação esperada, tanto do educador quanto do educando do ER. Os cinco princípios da interculturalidade devem estar presentes na dinâmica educativa: educar a partir da “hermenêutica da suspeita”, de forma crítica. Educador e educando devem analisar a realidade sempre nessa perspectiva, ainda mais num contexto de manipulação político-ideológica-midiática. Diante da pluralidade da cultura brasileira, é necessário desenvolver a “consciência da própria culturalidade”. Isso envolve uma atitude de abertura e de diálogo, a capacidade de perceber que ela está sempre em construção, em processo, consciente que há uma “invenção da tradição” (Hobsbawn; Ranger, 1997). A partir daí, a educação, em seu desenvolvimento, cria a percepção e a “sensibilidade por assimetrias entre culturas”. Dialogar prevê o reconhecimento das diferenças e o respeito por elas. Isso, não pode fazer sucumbir o “desejo de interpelar”. Como formação crítica, devemos sempre estar interpelando, questionando, inclusive, a própria cultura. Por fim, todo o processo de educação no ER deve levar à “consciência que nenhuma cultura é perfeita”. Desta forma, é importante a humildade, o fim da arrogância cultural”, a prepotência, questões presentes na sociedade atual.

Da mesma forma que os princípios da interculturalidade orientam uma perspectiva epistemológica tanto na formação dos educadores quanto dos educandos do ER, portanto, nas Ciências da Religião, deve-se ficar atento/a às recusas apontadas por Fornet-Betancourt (2007).

A partir desse aturo, devemos olhar criticamente para a formação que as Ciências da Religião promovem. Não se pode, numa perspectiva crítico-científica, “sacralizar as origens das tradições culturais e religiosas”. Elas devem ser consideradas a partir de seus contextos históricos, quando entram uma diversidade de aspectos estruturantes. Essa recusa leva a outra que é o risco de “converter as tradições, que são próprias, num itinerário estabelecido”. Isso cega a possibilidade de descobrir ou desvelar outros aspectos do fenômeno, do seu “aparecer do ser” (etimologia de fenômeno). As pesquisas nas Ciências da Religião devem nos ajudar a perceber, tanto teórica quanto praticamente, que há uma ampla gama de “zonas de influência” das culturas, se influenciando mutuamente, ainda mais num contexto global. É preciso “dilatar” essa compreensão.

 Fornet-Betancourt também nos inspira a pensar que as Ciências da Religião e o processo formativo do ER deve questionar, ou “decantar” as identidades. Essa reflexão sobre as identidades tem tomado grande espaço no contexto da cultura e da política. Na pesquisa, o eu o outro devem ser compreendidos numa dinâmica que ultrapassa a pretensão de evitar o “mito da neutralidade científica”. O pesquisador tem sua identidade, suas posições prévias e deve ser consciente disso e informar essa realidade na sua metodologia. Da mesma forma, o educador de ER tem sua identidade, seja pedagógica, religiosa ou não, política, e outras, e deve ser consciente disso, de forma a não esconder, escamotear ou “fingir” uma neutralidade. Da mesma forma, ambos não podem se valer do espaço de poder (pesquisa e docência) para impor sua visão de mundo, manipulando dados, resultados e o processo de ensino e de aprendizagem.

 Assim como a cultura, a ciência não é estática, por isso deve-se deixar a “realidade falar”, se manifestar, o fenômeno aparecer, seja a realidade religiosa, sejam os educandos, e não colocar “fôrmas” prévias que limitam a compreensão do real, ou que não deixam que os educandos se manifestem. No caso da docência do ER, o processo é construído a partir dos educandos, não do currículo. Da mesma forma, dialogar, seja na pesquisa ou na docência, não pode querer reduzir a realidade a aspectos comuns: a realidade e os humanos são diversos e muitas perspectivas são “inconciliáveis”. Educar é uma aventura que podemos saber até como começa, mas não seu fim, não é possível delimitar um fim preciso. Da mesma forma na pesquisa, pois há hipóteses que podem ser confirmadas, negadas, bem como surgir outras.

1. **Metodologia**

Esta Comunicação, partindo da metodologia de pesquisa qualitativa e da análise bibliográfica, quer refletir e discutir sobre a inclusão da interculturalidade, como categoria significativa para a compreensão dos fenômenos contemporâneos, nos cursos de Ciências da Religião, apresenta novo horizonte epistemológico, oferecendo impactos importantes para o componente curricular Ensino Religioso e a formação docente deste componente. Vivemos num mundo multicultural, com enorme diversidade e pluralidade e, considerando que o ER tem como atitude fundamental o diálogo, os Cursos de Ciências da Religião devem incluir na sua grade conteúdos que tratam da interculturalidade crítica. Para isso, se vale de grandes pesquisadores que abordam o tema, mostrando que a interculturalidade ainda não se faz presente nas pesquisas de Ciências da Religião sendo, portanto, elemento epistemológico a ser incluído na formação do docente de ER.

**Considerações Finais**

O objetivo desta Comunicação foi mostrar e discutir brevemente como a categoria “interculturalidade”, compreendida como relações simétricas e horizontais entre culturas, é fundamental para fomentar o diálogo e qualidade da vida humana, expressa em ideias, valores, atitudes e práticas. Para isso, mostramos seus principais princípios (Estermann, 2010) e suas recusas (Fornet-Betancourt 2007) e como isso pode impactar epistemologicamente nas Ciências da Religião, seja na pesquisa, ou na formação docente no componente curricular Ensino Religioso, o que atinge de forma importante o processo educativo desse componente, pois seu objetivo final é produzir no egresso uma atitude dialogal. Essa expectativa, num país marcadamente diverso, plural e conflitivo, é fundamental para uma educação libertadora, propiciando aos educandos construírem sentidos e projetos de vida com qualidade.

**Referências**

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira.; SIQUEIRA, Giseli do Prado. O Ensino Religioso na PUC Minas: breve história e contexto atual. *Revista do Instituto de Ciências Humanas***,** v. 21, n. 31, p. 237-259, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/31606/21378>. Acesso em 23 ago. 2024.

BRANDENBURG, Laude Erandi. As concepções epistemológicas do Ensino Religioso: espaços de resistência ou de inovação? *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor*., Curitiba, v. 6, n. 2, p.521-536, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/8171>. Acesso em: 19 jul. 2024.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de licenciatura em Ciências da Religião. *Parecer CNE/CP nº 12/2018 homologado pela Portaria n. 1.403*, publicada no D.O.U. de 28 dez. 2018b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pces01_09.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.

BRASIL. Lei n. 9.475, de 22 de julho de 1997. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9475.htm#:~:text=%22Art.,vedadas%20quaisquer%20formas%20de%20proselitismo>. Acesso em: 23 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2017. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 jul. 2024.

CARON, Lurdes. Políticas e práticas de formação de professores de Ensino Religioso: desafios, avanços e perspectivas. *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor*., Curitiba, v. 2, n. 2, p. 269-289, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/10712/10106>. Acesso em: 29 jul. 2024.

ESTERMANN, Josef. *Interculralidad*: vivir la diversidad. La Paz, ISEAT, 2010.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

FONAPER. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso* – PCNER. São Paulo: Ave Maria, 1997.

FORNET-BETANCOURT. Raul. *Religião* *e interculturalidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

GRUEN, Wolfgang. *Reflexões e proposições sobre o Ensino Religioso na escola pública*: um anteprojeto. Belo Horizonte: Universidade Católica de Minas Gerais, 1974. [Mimeo].

HOBSBAWS, Eric; TERENCE, Ranger (Org.). *A invenção das tradições*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PIEPER, Frederico. Aspectos históricos e epistemológicos da Ciência da Religião no Brasil: Um estudo de caso. *Numen*: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n2, jul./dez. 2018, p. 232-291. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/22159>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SIQUEIRA, Giseli do Prado; BORGES, Ângela Cristina. A BNCC E OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS E PEDAGÓGICOS DO ENSINO RELIGIOSO NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS BRASILEIRAS (2017-2022): subsídios para um estado da arte. *In*: *XI CONGRESSO NACIONAL DE ENSINO RELIGIOSO (CONERE); III CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (CLAECIR), XI, 2022*, online. Anais... [recurso eletrônico]. Florianópolis: FONAPER, 2022. v. 1, p. 128-137. Disponível em: [file:///C:/Users/Dell/Downloads/ANAIS\_XI%20CONERE\_III%20CLAECIR.pdf](file:///C%3A/Users/Dell/Downloads/ANAIS_XI%20CONERE_III%20CLAECIR.pdf). Acesso em: 22 jul. 2024.

TEIXEIRA, Faustino. O processo de gênese da(s) ciência(s) da religião na UFJF. *Numen*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 537-55. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21876/11913>. Acesso em: 12 jul. 2024.

TILLICH, Paul. La dimensión *perdida*: indigencia y esperanza de nuestro tiempo. Bilbao, Espanha: Editorial Española Desclée de Brouwer, 1970.

1. \* Doutor em Ciência da Religião (UFJF), professor titular e pesquisador do PPG em Ciências da Religião da PUC Minas. Líder do Grupo de Pesquisa REDECLID. Contato: pagostin@gmail.com

 [↑](#footnote-ref-1)